

Área: Lingüística, Letras e Artes.

Projeto: A PRÁTICA DE FORMULAR EM UMA AUDIÊNCIA DE CONCILIAÇÃO DO PROCON

Orientador: PAULO CORTES GAGO

Bolsistas: PRISCILA FERNANDES SANTANNA

Resumo:

Este projeto está inserido numa linha de pesquisa que parte do pressuposto da existência de uma relação de constituição mútua entre a estrutura da linguagem em uso e as estruturas do mundo social. O estudo da linguagem em uso pelos membros de uma determinada comunidade de fala é uma poderosa fonte de pesquisa para se compreender como os sujeitos se posicionam no mundo e são por este posicionados. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo mapear na fala dos participantes (mediadora, reclamante e reclamado) de uma audiência de conciliação do PROCON, os momentos em que eles realizam a prática da formulação em seu discurso, uma vez que se acredita que a prática de formulação revela características da atividade de mediação. Nossa proposta de trabalho apóia-se nos instrumentais teórico-metodológicos da Análise da Conversa etnometodológica, em pesquisa de natureza qualitativa e interpretativa. Para o nosso estudo, recorreremos à análise de uma audiência de conciliação do PROCON, de uma cidade do interior do Estado de Minas Gerais, gravada em áudio, e, em seguida, transcrita. Em estudo pioneiro sobre o tema formulação, Garfinkel e Sacks (1969) apontam que há uma constante preocupação entre os interlocutores com as falhas da linguagem natural. Os autores destacam a possibilidade de se encontrar interlocutores no decorrer de uma conversa formulando a conversa, e que um membro pode tratar outro trecho da conversa como oportunidade para descrever a mesma conversa, explicá-la ou resumi-la. Portanto, os autores definem formulação como sendo “as práticas dos interlocutores de dizer em tantas palavras o que estamos fazendo” (1969, p.10).

Em estudo posterior, Heritage e Watson (1980) caracterizam os usos de formulação como múltiplos, uma vez que eles podem endereçar uma variedade imensa de assuntos dentro da conversa. Os autores elencam, ainda, três operações centrais na prática de formulação: a preservação, o apagamento e a transformação. Tais pontos corroboram a idéia de que a formulação é uma prática neutra; há alguma intervenção sendo feita através para alcançar um objetivo.

Posteriormente, Heritage (1985), investigando o cenário de entrevistas jornalísticas, desenvolve a idéia de que a formulação envolve as práticas de “resumir, interpretar, ou desenvolver o cerne de uma declaração anterior do informante” (1985, p.100). O autor estabelece, também, cinco características da prática de formular: a) a formulação sustenta as experiências relatadas anteriormente pelo narrador como mais um tópico a se falar; b) a formulação promove uma seleção de elementos do turno anterior para confirmação no próximo turno; c) a formulação é neutra em evitar algum comentário ou avaliação das experiências relatadas; d) há um cálculo inferencial feito a partir do que foi relatado; e) a formulação foca ou faz algum acréscimo ao que foi apresentado no turno anterior. Hutchby (2005) investiga contexto semelhante ao nosso – sessões de terapia familiar na Inglaterra

– e apóia-se em Heritage (1985), mas problematiza aí o status de neutralidade, destacando que as formulações raramente são neutras. Para o autor, elas agem como candidatas a representações do que um interlocutor pode ter tomado como dito ou pretendido. Essas representações são seletivas no que focam como elemento particular do turno de fala anterior, projetando um elemento importante para o turno posterior. Podem também ser guiadas por uma “agenda subjacente” por parte do produtor; elas deixam um “rastro” para que o interlocutor possa, no turno seguinte, aceitar, rejeitar ou responder à formulação. Qualquer que seja a resposta, a formulação revela seu produtor não como um condutor neutro, mas um intérprete ativo da fala precedente. O autor confirma, ainda, a observação feita em Heritage (1985) de que “as formulações em formas institucionais de fala tendem a ser produzidas por falantes que ocupam papéis profissionais ou institucionalmente representativos” (p. 310). Em nosso trabalho propomos investigar a função da prática de formular na fala dos participantes de uma audiência de conciliação do PROCON, relacionando-a com o fazer da mediação. Os resultados obtidos até o momento nos mostram que a prática de formular, nesse contexto, desempenha, principalmente, a função de fazer perguntas de esclarecimento aos mediandos para esclarecer possíveis pontos obscuros em seus discursos. Outra função encontrada foi a de criar focos de relevância a partir de suas falas para a mediação.